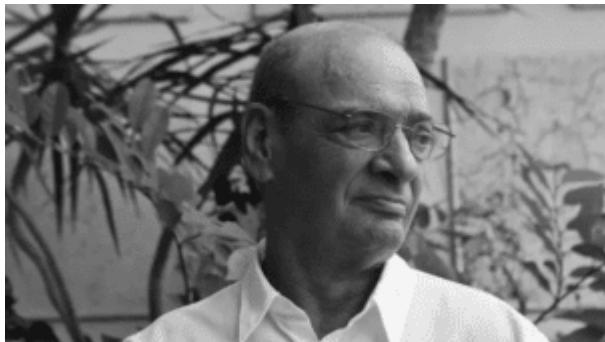


Luiz Werneck Vianna (1938-2024)



Por MARCO AURÉLIO NOGUEIRA*

Homenagear Werneck é manter viva a memória de um combativo, erudito, generoso e indignado intelectual, que olhou um país desigual, injusto e violento como o Brasil com lucidez e esperança

Com o falecimento do sociólogo Luiz Werneck Vianna, ocorrido no último dia 21 de fevereiro, perderam as ciências sociais brasileiras um de seus mais importantes pesquisadores, autor de obras seminais e um incansável trabalhador intelectual, figura pública de rara envergadura.

Eu o conheci em meados dos anos 1970, nos ambientes frequentados por socialistas, comunistas e liberais democráticos, que formavam a esquerda do então MDB. Luiz Werneck Vianna acabara de defender sua tese de doutoramento (*Liberalismo e sindicato no Brasil*, 1976) e me lembro da generosidade com que recepcionou a resenha crítica que fiz do livro, no jornal *Folha de S. Paulo*.

Nas reuniões políticas que então transcorriam, sua mente se destacava pela argúcia e pela firmeza de convicções. Não abria mão do marxismo e não ocultava seus vínculos com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), mas não era um dogmático e recepcionava com respeito e admiração as mais diversas matrizes de pensamento. Demarcava um espaço dedicado a encontrar pontos de equilíbrio e consenso, sem os quais, dizia, seria impossível construir uma oposição produtiva à ditadura e uma democracia sustentável. Já então, formulava a tese de que era indispensável olhar o mundo a partir dos atores que nele se moviam.

“Os fatos não passam de fatos e só vêm a integrar o campo da política na medida em que são organizados e interpretados por quem é ator em política”, escreveu Luiz Werneck Vianna numa passagem luminosa. “Pois a constituição de uma interpretação não é arbitrária e a concatenação dos fatos políticos depende de como o ator se inscreve na formação econômico-social concreta.”

Ao longo do tempo, Luiz Werneck Vianna faria dessa tese a base das formulações sobre a sociedade brasileira, suas transformações e suas possibilidades, determinadas por um dramático processo de “revolução passiva”, conceito que ele absorveu criticamente de Antonio Gramsci e com o qual procurou compreender a complexa e difícil emergência de atores com força reformadora que, no Brasil contemporâneo, não conseguiam escapar dos mecanismos de cooptação postos em prática pelo Estado.

A cooptação, para Luiz Werneck Vianna, travava e bloqueava, mas não impedia que avanços moleculares acontecessem: o Estado não agia sozinho, como um ente autônomo, mas era modelado pelos interesses sociais, que de certo modo o privatizavam. O Brasil se modernizaria em compromisso com o atraso histórico. Revoluções ocorreram em condições de “modernização conservadora”, quer dizer, sem “rupturas radicais” com o *status quo*, ou seja, de maneira processual. Bom exemplo disso está no livro *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (1997).

a terra é redonda

Luiz Werneck Vianna foi um acadêmico diferenciado. Pesquisou e estudou muito, transitando entre a teoria, a leitura dos grandes clássicos, o direito e a sociologia. Seu foco primordial, no entanto, era a política, que abordava a partir de um realismo crítico bem elaborado e de uma incansável preocupação de compreender o quadro social em sua integridade. Werneck foi um apaixonado pelo trabalho que realizava. Tinha seus princípios e suas convicções, mas não deixava de assimilar o que pensavam e escreviam os intelectuais que caminhavam em outras direções.

Não era um conciliador, mas sim um pensador aberto ao mundo das ideias e inconformado com a situação política e social do Brasil. Suas inquietações ganhavam corpo a partir de um diálogo criativo com as questões públicas mais importantes de cada conjuntura, sempre atento às possibilidades que se ofereciam a um movimento democrático que se posicionasse de modo amplo e plural.

Por isso, quando, em 2010, a Universidade Federal de Juiz de Fora publicou um livro com artigos que discutiam sua obra e sua trajetória, os organizadores (Rubem Barboza Filho e Fernando Perlatto) foram felizes em dar ao livro o título de *Uma sociologia indignada*, expressão que cabia como uma luva na persona e na produção de Luiz Werneck Vianna, “um intelectual admirável não apenas pela sua obra acadêmica e pela sua relevante inscrição na esfera pública, mas por uma enorme generosidade e respeito com seus colegas de profissão e seus alunos”.

A obra de Werneck Vianna foi decisiva para que compreendêssemos melhor a história brasileira, estabelecendo um modo de pensar a sociedade, o Estado, a política e a democracia. Para ele, a política era criação de Estados, de vida coletiva e de domesticação democrática do poder, não se reduzia a momentos eleitorais, nem muito menos podia ser tratada como “produzida de cima para baixo, subestimando a capacidade da sociedade de se auto-organizar sem a indução benevolente de um governo compadecido”.

Homenageá-lo hoje é manter viva a memória de um combativo, erudito, generoso e indignado intelectual, que olhou um país desigual, injusto e violento como o Brasil com lucidez e esperança, apostando na força da sociedade civil e no potencial desbravador da política. Foi um privilégio poder ter sido seu amigo e aprender com seu pensamento. Devemos muito a ele.

***Marco Aurélio Nogueira** é professor titular aposentado de teoria política na Unesp. Autor, entre outros livros, de *A democracia desafiada* (Ateliê de Humanidades).

Publicado originalmente no jornal *O Estado de S. Paulo*.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)